

A nova tática de Lula nas fábricas

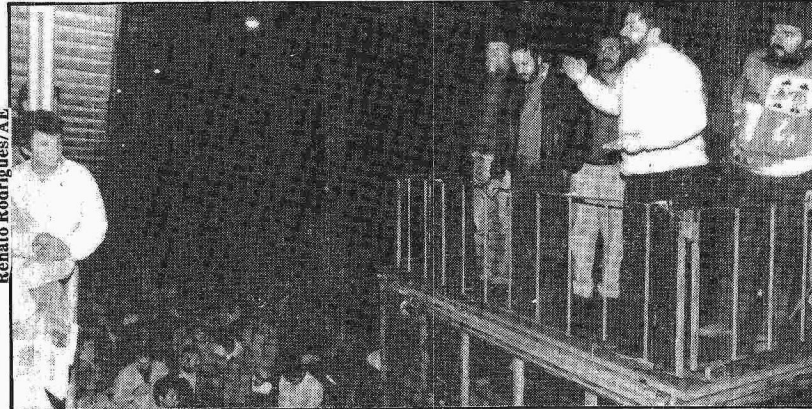
A campanha de Luís Inácio Lula da Silva começa na próxima semana com uma nova tática, discutida, organizada e adotada pelo comitê nacional sindical que apóia o candidato. Essa nova tática é a "invasão das fábricas" com os sindicalistas fazendo o corpo-a-corpo junto aos trabalhadores no dia-a-dia das fábricas. O comitê pretende, também, organizar grupos para discutir o Plano de Ação do Governo Lula, destacando itens que tenham ligação específica com as lutas das várias categorias para divulgar a campanha.

Na verdade, esta decisão vem de encontro aos primeiros problemas que Lula encontrou na manhã de ontem ao fazer seus primeiros discursos como candidato à Presidência da República na porta de duas montadoras, a Volkswagen e a Scânia Vabis, em São Bernardo. Logo às primeiras horas da manhã, Lula parou junto à porta de saída dos diaristas da Volks e fez um discurso a uma platéia pouco entusiasmada. Na porta da Scânia, ele não conseguiu terminar o discurso por problemas técnicos no carro de som e por causa do esforço feito na Volks, onde o som também não funcionou muito bem.

Apresentando sua plataforma de governo Lula concentrou ataques no governo federal e no candidato do PRN, Fernando Collor de Mello: "A mentira chamada Collor foi tão grande que o tombo vai ser maior ainda. Estou convencido de que ele não chega ao segundo turno".

Mais tarde, num passeio de barco pela Represa Billings disse que a obra que o governador Orestes Quêrcia vem fazendo na barragem do Tietê, "é o maior crime ecológico do Estado. Só comparável à devastação da Amazônia". Fernando Gabeira, presidente do Partido Verde prometeu acompanhar Lula mas não apareceu. Junto com o candidato petista estavam prefeitos petistas do ABC e a prefeita de Santos.

Na parte da tarde, percorrendo o centro de São Bernardo, Lula teve outro tipo de recepção. Desta vez mais calorosa, distribuindo abraços, beijinhos e autógrafos a comerciárias e consumidores.



Mesmo sem som, Lula falou aos operários durante a madrugada.

Ao lançar sua campanha presidencial em Aracaju, Roberto Freire usou de muita ironia ao se referir ao candidato do PSDB, Mário Covas, depois do seu discurso no Senado: "Covas passou a ocupar o espaço do centro democrático com inclinação à direita", e acrescentou: "A partir do momento que a direita começa a ter uma alternativa, vejo isso com certa simpatia, pois ela começa a apostar num candidato que, pelo menos, tem compromisso com a democracia".

Com a negativa pelo TSE de liminar solicitada pelo deputado José Maria Eymael, do PDC, pedindo a continuação da convenção do partido, realizada no domingo passado, o governador de Tocantins, Siqueira Campos, liberou seus filiados a apoiar quem quiserem. "No segundo turno estaremos unidos na televisão", disse, apostando na chegada de Collor de Mello à decisão pela Presidência.

O senador Affonso Camar-

go, candidato do PTB à Presidência, esteve na manhã de ontem no Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição — Inan — onde procurou subsídios para um dos pontos fundamentais de sua plataforma de governo, a alimentação.

O recém-tucano Roberto Magalhães, candidato a vice de Mário Covas, pelo PSDB esteve em São Paulo ontem para tentar convencer o empresário Antônio Ermírio de Moraes a apoiar Covas. "Não consegui falar com ele", disse Magalhães, "mas vou insistir", garantiu.

Aureliano Chaves, do PFL encontrou-se com Mário Amato, presidente da Fiesp. Ontem, Aureliano começou um novo estilo de campanha, com leves ataques ao governo Sarney. A mudança de tom em sua campanha deve-se ao fato de sua candidatura estar ameaçada de ser rediscutida pelos líderes do PFL, devido aos baixos índices nas pesquisas, especialmente em Minas, terra do candidato.